

Fotos: Arquivo pessoal



Na escada do Palácio do Itamaraty: redescobrimo atrações



O voluntário do projeto Pedro Matias com as alunas



Participantes do programa de capacitação em aula teórica



Visita guiada ao Palácio do Itamaraty, um dos destinos



Amanda Costa: termo de compromisso de participação

dimensão mais profunda: além de combater o preconceito, insere as guias em um novo campo de atuação profissional — algo ainda raro para pessoas trans fora dos setores historicamente associados à beleza ou à culinária.

Para Nathália Vasconcelos, também participante da formação das contadoras de histórias/facilitadoras de passeios a pé, o impacto é inédito. “As áreas de profissionalização que geralmente são ofertadas às pessoas trans são sempre as mesmas. Turismo é raro, e isso muda tudo. Estou aprendendo algo novo, que pode me dar retorno e abrir caminhos que nunca imaginei. É uma nova visão de futuro”, comemora, confiante no impacto, a partir do exemplo de outros lugares que esse mesmo curso foi ofertado a pessoas em situação de rua, imigrantes e vítimas de violência.

“É um respiro. Uma chance real. Há décadas que não víamos algo assim sendo oferecido para a nossa comunidade, principalmente para pessoas adultas trans. É um projeto que dignifica, abre portas, amplia horizontes. É sobre história, mas é, também, sobre futuro”, pontua Pedro Matias, coordenador da Casa Rosa, espaço de acolhimento LGBTQIAPN+ que há anos atua em Sobradinho com iniciativas de formação, acolhimento, saúde e empregabilidade. Ao lado de Flávio Fleury, ele também atua como voluntário, realizando a tradução e viabilizando o diálogo entre Jayni Gudka e as mulheres selecionadas.

Ao longo do mês de julho, além dos roteiros turísticos, o projeto realizará painéis abertos ao público com representantes da Embratur, do Ministério do Turismo e lideranças LGBTQIAPN+, discutindo formas de tornar o turismo brasileiro mais inclusivo e sustentável. Uma iniciativa que, ao mesmo tempo em que propõe novos modelos econômicos, ressignifica a forma como vemos — e vivemos — as cidades.

Nas palavras de Bebel, há um chamado que atravessa décadas de silenciamento e pulsa agora com brilho nos olhos. “Durante muito tempo fomos tratadas como se não tivéssemos caráter, como se não fôssemos merecedoras de dignidade. Agora, estamos mudando isso. Cada rua que a gente pisa é uma afirmação de que pertencemos. Estamos conquistando, uma a uma, as portas que sempre estiveram fechadas pra nós. E não vamos parar por aqui”, ela conclui.

Assim, Brasília ganha novas histórias, escritas por mãos que conhecem a dor do apagamento, mas também a beleza da reconstrução.

Casa Rosa

A Casa Rosa, no Distrito Federal, é um lugar de acolhimento, convivência e assistência à população LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade. Surgiu em 2017, por iniciativa do ativista Marcos Tavares, atual presidente da instituição. Localizada em Sobradinho, a casa atende moradores do DF e entorno, e é o único espaço deste tipo em todo o Centro-Oeste

do país. Atualmente, além de acolher pessoas adultas LGBTQIAPN+ em situação de risco e vulnerabilidade, também propõe articulações e ações afirmativas à esta população, tais como cursos de formação para fomento da empregabilidade, palestras e workshops em escolas e organizações, entrega de cestas e marmitas, atendimento psicoterapêutico, atendimento jurídico,

organização de feiras e outras atividades culturais. As doações podem ser feitas por meio do Pix da Casa Rosa, que é o CNPJ - 39.726.775/0001-84, ou também podem ser entregues pessoalmente. A entidade também retira doações e todos os tipos são aceitos. Há também a opção de se tornar um associado, e colaborar mensalmente com o trabalho.